

JOAQUIM NABUCO E A LIBERDADE

Quando se associa o nome de Joaquim Nabuco á idéa de liberdade, vem logo ao pensamento que se trata de libertação de escravos. Tão persistente, preponderante e efficaz foi o papel que esse nosso conterraneo representou na abolição da escravatura do Brazil.

Pois bem, o tribuno que tanto se bateu pela alforria dos homens de cor, tambem pugnou de modo brilhante pela independencia dos brancos, pela liberdade de pensamento.

Ao lermos a historia de sua vida, publicada por sua filha Carolina Nabuco, procuramos uma referencia expressa e significativa a essa phase, para nós a mais brilhante e sympathica da sua existencia publica.

Mas, emquanto que alli se trata de todos os passos de sua vida, de todos os seus actos como homem politico e cidadão particular, é muito vagamente, como quem confessa um defeito, que se faz referencia ao seu estado de "*separação da Igreja Catholica*".

A parte da biographia que vae de pags. 329 a 342 é instructiva a esse respeito.

Obrigado a confessar que elle “deixára de ser crente” (pg. 332), vae o livro declarando, como quem quer desculpar ou apadrinhar um criminoso, — “que a religião delle tinha raizes profundas”, que elle herdara uma fé conservada intacta até os 18 annos; que perdera a fé na Academia, — por ser esta a sorte da maioria dos seus contemporaneos; que elle não podia viver sem crenças; que tinha necessidade de crer em Deus

E afinal nos mostra como tendo vindo a Republica, e com esta coincidindo o seu casamento, foi Nabuco aos poucos se tornando um catholico praticante na completa extensão da palavra.

Andava de rosario no bolso, vivia repetindo as *orações do terço*, a *salve rainha* e o *acto de contrição*; em summa o grande homem chegara a esse estado que os padres e beatas devem achar muito bom, mas que nós descrentes, respeitamos como fraquezas a que está sujeita a covardia humana, e perante as quaes baixamos a cabeça para sorrir mais á vontade.

Que esse estado pouco invejavel se origina do medo incoercivel, confessa o proprio biographa nas palavras citadas pelo referido livro, pg. 338 pr.: “O seu regresso para a multidão catholica não foi — “por tendencias mysticas, mas por *horror do isolamento*, pelo sentido da vida ameaçada. A morte poderia chegar no correr da noite, e “eu tinha medo de continuar a dormir fóra do rebanho.”

As velhas devotas exprimem esse medo de um modo mais prosaico, falando em se livrarem das garras de Satanaz e das chammas do Inferno.

Deixemos, porem, de lado essa ultima phase, em que se acha abatido o nosso grande homem, e procuremos vel-o no periodo de vigor e fulguração do seu grande talento.

Era quando ainda não tinha elle se casado, nem tinha vindo a Republica.

Foi na epoca brilhante da campanha pela libertação dos escravos no anno anterior ao da abolição, em 1887.

Apezar de occupadissimo com a sua campanha abolicionista e com as eleições para uma cadeira de deputado; estando ora no Recife, ora no Rio, escrevendo para os jornaes, fazendo diariamente discursos na tribuna popular, Nabuco teve tempo para publicar naquelle anno de 1887, uma serie de tres artigos magistraes sobre a *questão religiosa* e os direitos do Estado em face das pretensões do clero catholico.

Esses artigos, em defeza da liberdade de consciencia e de pensamento, sahiram publicados nos numeros d'*O Paiz* de 26, 28 e 29 de Março de 1887.

Não nos consta que tenham sido reproduzidos em nenhuma das obras annunciadas de Nabuco, e o que é sobretudo mais notavel, não ha delles a menor referencia na biographia que agora se publicou, como sendo de sua propria filha.

Entre as paginas 217 e 227 desse livro se faz por varias vezes referencia aos actos de Nabuco nos annos de 1886 e 1887, a escriptos d'elle n'*O Paiz* sahidos nesse ultimo anno, e nem de leve se faz allusão a esses artigos de que tratamos e que reproduzimos em seguida.

Ainda mais. Nessa biographia de Nabuco, a pg. 227, linhas 22 a 23, se diz o seguinte: "*Em 1887 diversos bispos traziam, em nobres pastoraes a adhesão da Igreja á causa da liberdade.*"

Se assim foi, este facto só se teria dado pelas instigações e censuras graves do grande tribuno aos bispos do Brazil sobre esse ponto, pois que em *post-scriptum* de seu ultimo artigo de 29 de Março de 1887 assim se exprimia o grande pernambucano: ...*"E ainda não houve no Brasil bispos que levantassem a voz contra a escravidão, como os houve para levantar a voz contra a maçonaria."*

Referindo-se a actos da Igreja em prol da libertação de escravos nesse mesmo anno já tardio de 1887 a *autora* (?) da biographia se esqueceu de alludir á acção que tivera o biographado para despertar essa allegada attitude.

Tire cada um as consequencias desses factos um pouco extranhos e obscuros. Nós os comprehendemos muito bem.

Seguem os tres magistraes artigos de Nabuco.

Methodio Maranhão.

A QUESTÃO RELIGIOSA E O BISPO DO PARÁ

por *Joaquim Nabuco.*

(Primeiro artigo. 1878)

Vim encontrar aqui um livro que eu tinha muito desejo de ler, sobretudo depois de ver uma noticia sobre elle n'um folhetim de Carlos de Laet, — o livro do bispo do Pará em resposta á "*Missão a Roma*" do Barão do Penedo.

Este ultimo eu o tinha descripto, quando appareceu, e não exagerei dizendo que era uma pagina magistral de diplomacia ecclesiastica.

A missão, de que foi encarregado aquelle diplomata, era tão extravagante no seu dualismo de paz e guerra, que é um verdadeiro prazer, para quem se deleite occasionalmente em cousas de igreja, ver o modo por que elle se sahiu della no Vaticano.

A missão obteve, com effeito, uma censura formal e categorica do papa aos actos pelos quaes o bispo de Olinda, e o seu eminente sustentador, o do Pará, tinham revolucionado a nossa igreja, até então, e logo depois, sempre tranquilla.

Nada mais natural do que o desprazer dos bispos censurados contra o agente que conseguiu a censura. Esse desprazer manifesta-se do principio ao fim da apologia agora publicada, ás vezes sob formas menos significativas de benevolencia episcopal.

O autor diz por exemplo que o barão do Penedo não sabe latim, entre outras razões, porque se serve do adverbio *seriatim*, que, aliás, é muito usual em livros inglezes, como é *verbatim*, *litteratim*, etc., e que, se fosse mau latim, não seria peor que o latim da igreja.

Em outro ponto elle descobre que o traductor para o francez do livro do nosso diplomata foi um ex-professor de veterinaria. E porque não? Xisto V não foi porqueiro?

E' no emtanto curioso. Até hoje a missão a Roma do barão do Penedo foi sempre atacada pelos jornaes e órgãos clericaes como tendo sido uma enorme mystificação. O que se dizia era que o diplomata tinha enganado o governo, dizendo-lhe

que o papa havia censurado o procedimento dos bispos, quando pelo contrario o papa os havia louvado.

A carta do "*Gesta tua non laudantur*" quasi passou em proverbio como um superlativo de mentira. E agora o bispo do Pará vem e publica essa mesma carta do cardeal Antonelli!

E' certo que a phrase "*Gesta tua non laudantur*", não figura no texto e mesmo o bispo do Pará pretendeu não ser ella bom latim, o que deve mais correr por conta do estylo epistolar do cardeal do que do ouvido do nosso embaixador; mas as palavras "*Quocirca approbatione certe dignum non esse*" —, e muitas outras, são ainda mais fortes e positivas.

Está assim confirmada publicamente a narração feita pelo barão do Penedo de que o papa escreveu pelo cardeal Antonelli uma carta aos bispos reprehendendo-os severamente pela sua precipitação.

Bastam algumas phrases para mostrar o tom da censura. "Todavia o santo padre de modo algum pôde recommendar (ou louvar) *nullatenus commendare potuit* (o "*nullatenus commendare potuit*" vale bem o "*gesta tua non laudantur*") os meios por vós empregados para attingirdes ao fim que vos propunheis. De feito vendo vós quanto estava esta seita (!) — a maçonaria — larguissima-mente propagada e poderosa, tendo infestado não só as cousas, mas as pessoas religiosas com grande detrimento da Igreja, facilmente deverieis ver que, tendo este mal raizes tão profundas, não é desses que se possam ou n'um instante extirpar, ou arrancar-se como de um só golpe. Portando convinha que procedesseydes gradualmente, escolhendo

“com prudencia os meios, empregando-os com paciencia e moderação para então chegardes ao que desejaveis.”

Mas tudo isso não é bastante forte; ha ainda peor :

“Ora se este modo de obrar devia por vós ser seguido antes da recepção da carta que vos endereçou o summo pontifice, em data de 29 de Maio, muito mais o devieis ter diante dos olhos, depois de recebida a mesma carta, na qual expressamente se insinuava e ereis aconselhados que por espaço de um anno sobrestivesseis em todo o acto de rigor. Pelo que certamente não é digno de approvação que vós, deixados de parte os conselhos de Sua Santidade, antes quizesseis continuar no começado proposito, recorresseis de novo precipitadamente e com infeliz exito á pena de interdicto e ás censuras ecclesiasticas.”

E' preciso confessar que para ser fallada a um bispo, a linguagem difficilmente podia ser mais aspera. O Cardeal Antonelli não enganou o Sr. Penedo quando lhe disse que ia reprovar o procedimento dos nossos prelados.

Mas é somente hoje que se sabe o perigo em que esteve a honra daquella nossa missão junto á Santa Sé. O barão do Penedo foi mandado a Roma para obter do papa que demovesse os bispos do proposito de lançarem fogo ao fanatismo nacional, por causa de alguns maçons carolas, que têm tanto amor á opa como ao avental. Conseguiu-o, e Sua Santidade escreveu aos bispos condemnando o que elles estavam fazendo.

Aqui porem não se deu tempo a que a intervenção do papa produzisse os seus effeitos. Um

dos bispos, enquanto chegava a missiva do cardeal Antonelli, fôra preso e condemnado a trabalhos forçados!

Era o caso do dito por não dito. Diante da prisão de D. Vital, a Santa Sé não tinha outra cousa a fazer senão mandar destruir qualquer vestigio da censura.

Tudo se passara com o Sr. barão do Penedo, confidencialmente, isto é, de governo a governo. O bispo do Pará conta-nos agora o seguinte :

“Estando nós na prisão, veio ter connosco “monsenhor Sanguigni e nos communicou sob toda “reserva uma ordem expressa de Sua Santidade “para destruirmos a tal carta, por modo que della “não restasse vestigio algum, e assim fielmente o “cumprimos.”

Desse modo, só por uma circumstancia especial o barão do Penedo não ficará d'ora em diante passando por mentiroso, como até aqui, no mundo da igreja. A circumstancia foi ter o cardeal Antonelli, “*com grande surpresa nossa*”, diz o bispo, enviado a SS. EExs., por ocasião da amnistia, *nova copia da mesmissima carta! Habent sua fata libelli.* A tal carta, que “*não existiu nunca*”, teve de facto duas edições, sendo que da segunda o negociador não teve conhecimento.

E' o caso de reflectir no nada de que depende a reputação de um diplomata em uma negociação secreta!

Se o barão do Penedo obteve a carta prometendo ao Santo Padre que ella restabeleceria a paz na igreja brasileira, ou fazendo outras promessas semelhantes — questão que o bispo do Pará discute largamente — não nos cabe examinar. Naturalmente os negociadores, tanto de um como de

outro lado, imaginavam que o bom exito da missão seria o termo do conflicto.

Elles porem não contaram com o bispo de Olinda, nem com a energia do nosso governo, quando se lembra de ser energico. O importante para a historia é que a verdade sobre a carta está confirmada. Assim fica encerrada uma controversia de treze annos, que deve ter sido uma verdadeira anxiedade para o nosso negociador.

Mas este não é ainda o lado mais importante do livro que acabo de ler.

Joaquim Nabuco.

(D'O Paiz, de sabbado, 26 de Março de 1887. Parte editorial).

A QUESTÃO RELIGIOSA E O BISPO DO PARÁ

por *Joaquim Nabuco.*

(Segundo artigo. 1878).

A parte do livro "*A Questão Religiosa perante a Santa Sé*", de que hontem me occupei, relativa á missão Penedo, se é a mais desenvolvida, não é, como eu disse, a mais importante da obra.

No fim de contas é o bispo do Pará mesmo, quem se encarrega de restabelecer a verdade, de nos tirar da longa mentira em que viviamos a respeito daquella missão.

Dizia-se que o papa não tinha reprovado o

procedimento dos bispos, como o nosso enviado affirmara, e agora reapparece das cinzas o documento sonogado, que havia sido cuidadosamente destruido, por ordem da Santa Sé, na prisão da ilha das Cobras!

E mais do que isso, ficamos sabendo que por occasião da amnistia, os bispos tiveram copia da carta queimada, o que, da parte do cardeal Antonelli, era a renovação da censura que elle lhes havia já uma vez dirigido.

A Santa Sé nos apparece assim inesperadamente nesse livro, animada do desejo de restabelecer a paz em nossa igreja e de desfazer tudo o que os dous bispos intransigentes haviam feito.

E' isso que dá ao livro do bispo do Pará as proporções de um acto quasi de insubordinação contra a curia romana.

S. Exc. Revma. não está contente com o actual estado de cousas e, procurando vingar a memoria de frei Vital, o que elle faz é um libello contra o espirito de tolerancia e de bom senso que prevaleceu afinal no conselho supremo da igreja.

O livro é no fundo um appello á Santa Sé contra o levantamento dos interdictos e a favor da guerra religiosa. A paz actual perturba o espirito militante do bispo do Pará, e S. Exc. Revma. externa o seu resentimento contra todos os que concorreram para fazel-o, elle mesmo, annullar os actos dos quaes, no seu entender, dependia a salvação da igreja.

Elle nos diz que "*levou muitos dias derramando lagrimas e orando*" — quando recebeu pela segunda vez "*aquella fatal carta mandada supprimir por ordem do papa*" e renovada por manejos de "*certo grupo em Roma*".

O bispo do Pará esperava poder responder á amnistia de 17 de Setembro de 1875 fulminando novos interdictos e varrendo dessa vez completamente a maçonaria das sacristias de sua diocese. Em vez disso a amnistia se lhe manifestou ligada a uma segunda ordem da Santa Sé para o levantamento dos interdictos. A Santa Sé capitulava no dia que parecia aos amnistiados ser o dia da victoria.

A decepção devia ter sido cruel. Nunca se viu um martyrio (a prisão dos bispos foi tratada como tal) terminar por uma humilhação dessa ordem, que para um dos martyres dura até hoje!

Que o bispo profundamente se affligiu com a attitude do episcopado brasileiro, da nunciatura e da Santa Sé, está patente do seu livro.

Elle trata duramente a monsenhor Sanguigni, o intermediario do ministerio Rio Branco. "Que a nunciatura apostolica no Brazil se empenhava com todas as forças para fazer recuar os dous bispos e todos os outros, é facto de que se gabava em Roma, muito ufano monsenhor Sanguigni, já cardeal, dizendo que a elle se devia ter salvo a igreja do Brazil, impedindo o episcopado de acompanhar os dous prelados imprudentes. *O que monsenhor Sanguigni salvou foi simplesmente sua carreira.*"

A ultima phrase que ponho em grypho, não illustrará tanto o modo por que se faz carreira na côrte de Roma, como a liberdade da critica entre os que a fazem? Mas a accusação é mais grave. O bispo do Pará diz cousa muito peor :

"E' pois desgraçadamente um facto que o internuncio apostolico no Brazil, monsenhor Sanguigni, deu muitos conselhos, e offereceu, da parte do gabinete Rio Branco, um *auxilio de dinhei-*

“ro ao bispo de Olinda, afim de que este cessasse
“a luta com a maçonaria, retirando-se em visita
“pastoral para o interior da diocese. E o catholico
“bem conhecido, de que fala o Sr. bispo de Olinda,
“e cujo nome não é necessario aqui declinar, (quem
“seria?) ratificou da parte do ministro essa pro-
“messa de ser posta á disposição do prelado a som-
“ma de que carecesse ou para esta viagem, ou para
“uma ao estrangeiro, conforme preferisse.”

O ministro a quem se refere esse trecho é o Sr. João Alfredo.

“E como tivesse longa conferencia sobre esse
“negocio com o Exmo. Sr. Ministro, escrevia mon-
“senhor Sanguigni ao bispo de Pernambuco, assim
“me acho no caso de dar-lhe certeza de que “*está*
“prompto tambem a dar-lhe um auxilio de dinhei-
“ro.” Pag. 134.

Que um ministro offerecesse dinheiro para terminar a questão religiosa não é nenhuma cousa do outro mundo, mas que o intermediario fosse o nuncio do papa, faz-nos duvidar que estejamos neste. Pelo menos taes revelações do “*interior*” da igreja não costumam ser feitas por bispos.

Assim como monsenhor Sanguigni, tambem os bispos, que não acompanharam a iniciativa do de Olinda, são tratados de modo bem pouco fraterno pelo seu collega do Pará. O principal destes é o diocesano do Rio: — “Aquelle mesmo que poucos dias antes, naquelle mesmo arsenal, se ajoe-
“lhara aos pés do augusto preso, beijara-lhe as
“mãos com lagrimas, passara-lhe ao pescoço a sua
“cruz pastoral, dizendo-lhe: Exmo. senhor, tem
“V. Exc. toda jurisdicção nesta diocese, onde aca-
“ba de chegar preso; meu clero, o cabido de minha
“cathedral folgarão de pôr-se ás suas ordens; di-

“gne-se V. Exc. abençoar-nos a todos, que a benção de um confessor de Jesus Christo é um pe-nhor de salvação!” — (e porque não confessava elle tambem o Christo? — é o caso de perguntar-se) — “aquelle mesmo prelado vinha agora sup-plicar ao Sr. bispo de Olinda que reconhecesse o proprio erro, que publicasse a carta, que obedecesse ao summo pontifice, desfazendo tudo quanto havia feito.” Aqui é tambem o caso para um leigo achar natural que um bispo pedisse a outro *que obedecesse ao summo pontifice*.

“Não é difficil”, diz o bispo do Pará, “reco-nhecer a influencia de monsenhor Sanguigni na transformação que se operou no espirito do digno “e virtuoso prelado do Rio de Janeiro, assim como no de alguns outros, aliás dignissimos membros do episcopado brasileiro, e que tornou-se de-poiz tão sensivel...”

“Um prelado chegou a dizer a monsenhor Bruschetti (o qual nol-o referiu na prisão) que “se o demonio em pessoa se puzesse a presidir a “uma confraria, e lhe officiasse neste sentido, elle “nada faria. Monsenhor Ferrini não só assistia “aos bailes dos ministros, mas conferia, em “nome da Santa Sé, o privilegio de oratorio “privado ao grão-mestre Rio Branco, enquanto os “dous bispos gemiam nas prisões.”

Como se vê o bispo do Pará ajusta, de uma vez por todas, as suas contas com os seus collegas, os ministros e os agentes da nunciatura.

A proposito do “grão-mestre Rio Branco”, chefe do gabinete, é curioso ler o seguinte trecho de abjuração maçonica do Sr. ministro do império.

O Sr. João Alfredo escrevê a frei Vital:

“Os jornaes têm publicado que eu sou maçã, “e não dizem a verdade, porque fui iniciado, sim, “ha quinze annos, mas compareci somente a tres “ou quatro sessões e “*logo depois fiz quanto me “parece sufficiente para tranquillisar a minha consciencia de catholico. Não sou, portanto suspeito, “quando penso, como quasi todos pensam, que a maçã conaria entre nós é innocente e até benefica a certos respeitos.*”

Os gryphos são meus, mas as phrases gryphadas são tão caracteristicas!

O livro do bispo do Pará está mais ou menos descripto nestes dous artigos, mas eu não faria justiça nem á obra, nem au autor, se me limitasse ao que tenho dito. Pareceria até que não tratei o eloquente e corajoso prelado com o respeito a que elle tem direito, e que por certo me inspira.

Joaquim Nabuco.

(D'O Paiz, de segunda-feira, 28 de Março de 1887).

A QUESTÃO RELIGIOSA E O BISPO DO PARÁ

por *Joaquim Nabuco.*

(Ultimo artigo. 1878)

O bispo do Pará escreveu o seu livro para tres fins.

O primeiro foi responder ao livro do barão do Penedo, e ao desafio que este lhe fizera para dizer a verdade sobre a sua missão em Roma.

O segundo foi, perdôe-se-me a expressão, desabafar, por si e pelo seu illustre collega fallecido, da contrariedade soffrida á opposição que elles encontraram dentro mesmo da igreja.

O terceiro foi levantar um grito de guerra contra o actual regimen, e pedir uma concordata, que ponha os direitos e privilegios da igreja fóra de qualquer intervenção do Estado.

E' extranho que no Brazil alguém se lembre de concordatas. A tendência dos espiritos é toda para a liberdade, mas nunca para reconhecer a soberania pontificia.

A verdadeira concordata é a separação da igreja e do Estado, deixando aquella completamente livre da interferencia deste. Com effeito só por ambição de mando e sêde de privilegios póde a igreja trocar a sua liberdade por uma situação dependente do poder civil. As questões entre o papa e os catholicos são questões de consciencia. A que titulo intervem nellas o ministro do imperio, que nem sequer é padre?

A revolta dos bispos é legitima, mas o que não é legitimo é quererem elles ter privilegios, sem terem obrigações. Isso é querer de mais.

Eu francamente entendo que é tão absurdo intervir o Estado na questão de saber que pessoas podem tomar parte nas cerimonias do culto, como seria intervir o mesmo Estado na questão de saber se a epistola deve ser lida á direita ou á esquerda do altar. Eu sou, portanto, pela liberdade da igreja, mas na igualdade.

Desde que temos uma igreja de Estado, a questão é outra. Ser igreja de Estado é gozar de uma posição politica privilegiada; isto deve sujeitar a limitações excepçionaes.

No regimen actual o clero é, tanto como a policia e a magistratura, uma força desviada dos seus fins, e aproveitada para outros muito diversos pelos partidos politicos.

A questão maçonica tomou logo o caracter de uma questão politica, porque no fundo, o que havia era a politica.

Infelizmente o sentimento catholico é o ponto de apoio, em todo o mundo, dos manejos politicos da igreja, isto é, do clericalismo, e esses manejos para o restabelecimento, está visto, do poder temporal, são todos no sentido conservador. Que necessidade tinha o papa de aconselhar aos catholicos allemães que votassem o septenato militar, sinão a de procurar um alliado politico, e onde? no velho lutheranismo prussiano!

A questão é portanto esta.

A igreja é um partido, o partido reaccionario; e dar força a esse partido é entregar-lhe de uma vez todas as conquistas da liberdade, desde o dia em que esta quebrou o jugo da theocracia. E' assim que nos paizes onde a igreja tem o privilegio de religião do Estado, o liberalismo se vê forçado a combater contra ella, não por causa do seu ensino moral e religioso, mas de suas affinidades e manifestações politicas. Se a guerra se estende á religião e não se limita somente ás pretensões politicas, contra as quaes quasi todos os verdadeiros catholicos protestam, como fizeram agora na Alemanha e têm feito na Irlanda, é porque o sentimento religioso mesmo é o principal elemento em que se apoia a igreja para combater o liberalismo e o seu dogma da liberdade e igualdade religiosa.

O bispo do Pará não quizera abandonar os privilegios que a igreja tem pela constituição, mas

quer, pelo contrario, amplial-os e tirar todas as consequencias do facto de ser aquella igreja privilegiada. O seu desejo é uma concordata no privilegio para garantir o livre exercicio da autoridade ecclesiastica, sem sujeição ao poder civil. Esse é o principal fim do seu livro. Elle reabre assim a questão religiosa, para pedir a independencia da igreja, mas a independencia no monopolio.

Felizmente o espirito publico está em outras e melhores disposições. A liberdade da igreja, todos nós a queremos, mas pela separação.

Ella só póde ficar independente renunciando á sua posição exclusiva; assim é até desejavel que fique.

A crise actual do catholicismo resulta de suas aspirações politicas irreconciliaveis com os factos consummados.

Tendo governado o mundo por tantos seculos, a igreja não se consola da perda do seu poder temporal, e procura rehavel-o alliando-se em todos os paizes com os partidos reaccionarios.

Esse periodo, porem, ha de passar quando as grandes religiões — (e a catholica é a maior de todas) — forem movidas como um oceano, não pelo espirito clerical, mas pelo sentimento religioso.

O clericalismo é um elemento extranho á religião e contrario a ella. Nós, liberaes, somos neste momento obrigados, em toda a parte a combater a igreja, porque a igreja em toda parte nos combate; mas de combater a igreja como partido reaccionario, a combater a religião, vai a mesma differença que entre combater a conservação social, a sociedade, em summa. Todos nós, porem, vemos que este combate tem que cessar, porque elle assignala uma crise na vida da igreja, a sua dif-

ficuldade, que aliás sentem todas as dynastias depostas, de adaptar-se á nova ordem de cousas do espirito humano, que é neste caso a conquista definitiva da liberdade civil.

Mas não se póde ler o livro do bispo do Pará sem admirar o homem que o escreveu. Ahi está um bispo como ha poucos! Reconhecer a grandeza de um adversario — não emprestar-lhe uma grandeza que não tem — é mostrar a força da causa contra a qual elle mesmo é impotente.

O bispo do Pará escreveu o seu livro para elevar o seu finado collega de Olinda aos olhos do mundo catholico, e elevou-se com elle. Eu não tenho em cousa alguma o modo de ver do eminente prelado, mas não posso deixar de admirar a convicção e a coragem quando se apresentam em tão alto grao. Mas a grandeza moral da obra está principalmente em que o bispo do Pará a escreveu para fazer de frei Vital um gigante da fé, e conseguiu ficar pequeno ao lado do seu companheiro. A legenda do bispo de Pernambuco está feita nessas paginas inflammadas pela penna de D. Antonio de Macedo Costa.

Um homem que sentindo-se vastamente superior ao outro em intelligencia, instrucção, serviços e soffrimentos, faz-se o seu biographo para referir o grande combate de ambos como tendo sido d'elle só, dar-lhe as proporções de um confessor, e crear-lhe em pleno seculo XIX uma aureola do seculo V ou VI — é um homem que póde servir de exemplo aos seus proprios adversarios, para aprenderem com elle a lealdade, o ardor e a esperanza na luta pelas grandes convicções da vida.

POST-SCRIPTUM

Devo accrescentar uma palavra ao meus artigos sobre o livro do bispo do Pará. E' lendo um livro, como este, em que se revela a energiã desenvolvida pelos dous prelados no conflicto com o Estado, que se pôde bem avaliar a força moral perdida e annullada para a civilisação do nosso paiz sob a fórma de sentimento religioso. Eu acabo de fazer com José Mariano uma excursão abolicionista a alguns pontos da provincia (de Pernambuco) e ahi sobre tudo na Escada, tive occasião de encontrar o *povo* do interior, tal qual elle verdadeiramente é, tão diverso do povo das cidades, como se fosse de outra raça.

A esse povo a linguagem unica que se pôde falar é a do missionario, é um povo de pé no chão que se descobre todo ao ouvir pronunciar o nome de Christo.

Entre elle que effeito prodigioso não faria a palavra do sacerdote que realmente pregasse a moral social do Evangelho! No emtanto onde já se viu um missionario abolicionista! Na Irlanda o clero catholico está todo com os rendeiros e a pobreza. Entre nós elle está com os grandes proprietarios de homens, e combina o sacerdocio com a escravidão. Quando se escrever a historia da igreja brasileira não se ha de registrar um só facto (senão de dedicações pessoas) que a honre nesse grande movimento que se apossou do coração nacional! O abolicionismo tem procurado por todos os meios chamar a si o concurso da igreja, e se a questão religiosa de 1873-1874 não renasceu com força na ultima situação liberal, foi porque o abolicionismo

tornou-se uma especie de *tregua de Deus* para todas as outras questões e divisões nacionaes.

Nós, abolicionistas, temos procurado unir todos os elementos sociaes em torno de nossa idéa, e se amanhã, do collegio de Itú, por exemplo, sahis-se um brado a favor da abolição, os proprios jesuitas seriam objecto dos nossos applausos e reconhecimento. Mas, apesar disto, nada conseguimos e ainda não houve no Brazil bispos que levantassem a voz contra a escravidão, como os houve para levantar a voz contra a maçonaria, apesar de estar a escravidão mais condemnada por bullas pontificias — e até por concilios — do que a maçonaria.

Entretanto é, como eu disse, lendo-se o bispo do Pará sobre o de Olinda, que se póde fazer idéa da immensa força inteiramente perdida para o abolicionismo, isto é, para a humanidade, por se preocuparem os nossos prelados muito mais da politica do papado do que da moral do Evangelho.

Joaquim Nabuco.

(D'O Paiz, de terça-feira, 29 de Março de 1887).

Ahi estão os tres artigos de Joaquim Nabuco.

O seu objecto que a primeira vista parece adstricto a um assumto especial, um pouco melindroso, como foi a questão religiosa de 1871-1875, é de muito maior alcance e mais elevado.

Vem mostrar como mesmo n'aquelle tempo de religião do Estado, o illustre tribuno sustentava que o poder civil não devia estar submettido ao religioso. O poder do papa em suas relações com os diversos paizes, que reconheciam a sua autoridade

religiosa, não podia ser tão grande que absorvesse os interesses de caracter social.

A abolição do poder temporal, as instituições civis limitadoras da applicação dos actos da Santa Sé, a defeza das prerogativas do Estado em face das pretensões da igreja, são pontos sobre os quaes Joaquim Nabuco assume a opinião liberal.

Ha um ponto, na biographia attribuida a sua filha, em que se affirma que elle renegara opiniões que tivera e artigos que publicara, confessando-se envergonhado delles.

Podemos acreditar que isto seja exacto se admittirmos o ultimo estado de sua decadencia, descripto, quando se diz que elle andava de rosario no bolso e resmoneando orações e rezas; mesmo assim custa a crer que os artigos agora publicados sejam incluídos entre esses que renegaria.

Foi por um mero acaso e com alguma difficuldade que chegamos a descobri-los.

Procurando as noticias sobre o naufragio do vapor Bahia, succedido em Março de 1887, tivemos de procurar a collecção d'*O Paiz* desse tempo que verificamos existir na Bibliotheca Publica do Estado.

Houve alguma difficuldade em obter essa collecção que se achava escondida em estante de difficil accesso.

Afinal, folheando esses jornaes demos com os artigos que andavam tão escondidos, tão fóra do conhecimento de todos, que nos consideramos autores de uma verdadeira descoberta.

E' portanto com grande prazer que os publicamos nesta revista e damos ao publico o sabor de sua leitura.

Methodio Maranhão.